



Nos tempos da Escola Industrial de Florianópolis

© Internato (1962-1969)



Moacir Pedro Corrêa



Florianópolis – SC
2016

Reitoria:

Rua 14 de Julho, 150, Bairro: Coqueiros,
Florianópolis - Santa Catarina
CEP: 88075-010
Telefone: (48) 3877-9000 / Fax: (48) 3877-9060

www.ifsc.edu.br

Diagramação e Capa:

Glauco J. R. Borges

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra.

Catálogo na fonte pelo Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC
Reitoria

C824n

Côrrea, Moacir Pedro

Nos tempos da Escola Industrial de Florianópolis : o internato
(1962 – 1969) / Moacir Pedro Côrrea. - Florianópolis: Publicações
do IFSC, do IFSC 2016.

66 p. : il. ; 21 cm.

Publicado também em versão eletrônica.

ISBN: 978-85-8464-085-0


1. História institucional. 2. Memória IFSC. 3. Internato –
Escola Escola Industrial de Florianópolis. I. Título.

CDD 370

Ficha Catalográfica elaborada por:
Paula Oliveira Camargo - CRB 14/1375



Prédio onde funcionou a Escola Industrial de Florianópolis até 1962 e, depois, também serviu de internato, na Rua Almirante Alvim, Centro.



*Dedico este livro a meus filhos
Leandro, Leonardo e Vitor pela alegria e
convivência ao longo de minha existência.
Aos meus ex-colegas do internato pelo estímulo
para que escrevesse este relato histórico.*



Sumário



Considerações iniciais.....	11
A ideia do livro	13
Memória fotográfica.....	15
O ingresso na Escola Industrial	17
Professores que marcaram na história da escola.....	19
Colegas do internato e seus causos.....	25
A espiritualidade e a solidariedade	30
O Grêmio Cultural Cid Rocha Amaral	33
Como viviam os alunos internos.....	37
Consequências da Revolução de 1964	42
Algumas informações interessantes captadas do site.....	46
Algumas imagens da nossa escola ao longo dos anos.....	48
E hoje como estamos? Quarenta anos depois.	50
Depoimentos de ex-alunos do internato.....	54
Ex-alunos internos na Escola Industrial (década de 60).....	61
Considerações finais.....	63
Agradecimentos.....	63



Considerações Iniciais



“Um dia serei alguém na vida”

Esta foi a frase dita ao longo dos anos por adolescentes vindos dos mais variados municípios do interior para estudar na Capital do Estado de Santa Catarina.

A princípio, a oportunidade de crescimento intelectual era oferecida somente aos menos favorecidos pela sorte, maioria filhos de pais pobres e que almejavam ingressar em uma escola que proporcionasse além do estudo a aprendizagem de uma profissão.

Pretendemos contar um pouco sobre os fatos acontecidos na década de 1960, envolvendo os alunos que frequentaram a Escola Industrial de Florianópolis ou Escola Industrial Federal de Santa Catarina ou, então, Escola Técnica Federal de Santa Catarina, denominações dadas posteriormente à Instituição no período mencionado.

A Escola Industrial possuía alunos em regime de internato e semi-internato e é sobre os primeiros que pretendemos dedicar maior parte do aqui relatado, pois foi um período muito especial para a formação de uma juventude sadia, sem preconceitos, por vezes questionadora, mas sempre vencedora. Durante alguns anos, prevaleceram como maioria no Internato os jovens adolescentes vindos do Sul de Santa Catarina, principalmente dos municípios de Imbituba, Laguna e Tubarão. Do Norte, muitos vieram de Itajaí, Tijucas, São João Batista e Navegantes. A partir de 1967, aconteceu uma invasão da Turma de Siderópolis e proximidades.

Muitos dos alunos chegaram ao internato com apenas 12 (doze) anos de idade. Iniciaram na antiga primeira série do curso ginásial (1º grau ou ensino fundamental), permanecendo até 18 ou 19 (dezoito ou dezenove) anos de idade, isto já no Curso Técnico. A escola era muito boa. Foi referência para os padrões da época: oferecia além dos estudos, alimentação, roupa lavada e dormitório para os internos. Já no Curso Ginásial, aprendíamos uma profissão. Muitos interromperam os estudos, mas continuaram a exercer o ofício ali adquirido. Quem conseguia completar os 4 (quatro) anos do curso ginásial era premiado com o terno de formatura, completo, quadro de formatura,

convites, tudo confeccionado pelos alunos que optaram e participavam das aulas práticas em oficinas.

A Escola Industrial só saiu dessa “normalidade” depois de transformada em Escola Técnica Federal, já na formatura da Primeira Turma. A surpresa apareceu quando sem qualquer curso pré-vestibular, a maioria dos ex-alunos foi aprovada, credenciando-se para frequentar cursos em Faculdades e principalmente na Universidade Federal de Santa Catarina.

A maioria dos que ali estudaram, conseguiram sobressair-se nos mais variados segmentos da sociedade. Dali saíram alfaiates, soldadores, torneiros mecânicos, tipógrafos, ajustadores mecânicos e, posteriormente, técnicos (mecânicos, agrimensores, desenho técnico.). Engenheiros, médicos, dentistas, farmacêuticos, professores, bioquímicos, militares, advogados, padres, pastores, jogadores de futebol, servidores públicos e até políticos. Por incrível que pareça só não me lembro de alguém que se tenha formado em “Economia”. O Internato foi uma escola para a vida, ali aprendemos de tudo. Aprendemos a ser cordiais, diplomáticos, politizados e fraternos. Sim, vivíamos como irmãos, compartilhando as diferenças, repartindo as alegrias e sempre desejando que o outro ultrapassasse os obstáculos objetivando alcançar o máximo dos seus sonhos. A vida foi generosa para com o pessoal do Internato, apesar de todas as dificuldades. O “sorriso” aparece sempre quando nos encontramos ou nos avistamos através de fotos, que retratam os bons momentos que juntos passamos. Enquanto estivermos por aqui, necessária será a promoção de encontros, a fim de resgatarmos a história, que servirá de parâmetros para nossos filhos e netos que, um dia, certamente dirão: “Um dia também serei alguém na vida”.



A ideia do livro



A ideia de escrevermos este livro surgiu a partir das conversas que mantivemos com os colegas ao longo dos anos, sempre em momentos especiais, nos quais refletíamos sobre os belos momentos que havíamos passado na então Escola Industrial de Florianópolis.

No 2º Encontro dos ex-alunos da ETEFESC, ocorrido nos dias 18 e 19 de abril de 2013, me fiz presente, juntamente com muitos amigos, que compareceram e compartilharam com as alegrias daquele raro momento.

Tudo transcorria na normalidade, quando, à noite, resolvemos nos reunir a fim de definir estratégias para o próximo encontro.

Fui surpreendido quando lá pelas tantas horas, o amigo Ademir José Demétrio solicitou para que eu fizesse um discurso.

Pensei...

Um discurso naquele momento seria oportuno?

Depois de uma breve reflexão, optei por não fazer um “discurso”, mas sim relembrar para os amigos algumas das situações vivenciadas por todos aqueles que ali estavam e que num determinado período conviveu em um regime de “Internato”.

Foi um momento muito especial: os fatos surgiam em minha memória como se eu estivesse lendo um livro.

Tudo tinha sequência. Fui me empolgando e lembrando de muitas histórias que no “dia-a-dia” estavam esquecidas. Ao final da minha apresentação, sugeri aos amigos ali presentes que escrevessem um pequeno texto para que, futuramente, fosse composto e editado “um pequeno livro”.

A ideia principal não era escrevermos um livro didático, nem poético, nem técnico e muito menos dramático. Talvez fosse interessante mesclarmos uma pitada de alegria e nostalgia. Quando a coisa estivesse séria demais, contaríamos um fato alegre para descontrair o ambiente enquanto estivermos vivos, precisamos viver... viver... viver e viver.

A surpresa maior aconteceu na audiência que tivemos no Instituto Federal de Santa Catarina, no dia 09 de maio de 2014, quando a Reitora Dra. Maria Clara, juntamente com o corpo diretivo do IFSC, mostrou-se favorável à edição de um livro que retratasse os tempos do Internato da Escola Industrial. A partir daquele encontro, procuramos aperfeiçoar o que já existia, pois os objetivos iniciados com o nosso trabalho seriam concretizados.

Os textos aqui escritos foram formulados numa linguagem simples que, por vezes, aparecem de forma coloquial propositada, com a única intenção de mostrarmos o que foi dito e como foi dito àquela época, coisas de adolescentes descompromissados.

O tempo foi implacável, preparando-nos surpresas por vezes agradáveis e em outras nem tanto. Muitos sonhos foram realizados, muitos dos colegas foram felizes e permaneceram unidos com seus familiares, outros tiveram rompidos os laços matrimoniais, ganharam e perderam esposas, filhos e amigos.

Ressaltamos que muitos dos nomes apresentados nas histórias são fictícios, pois os personagens já faleceram e não foi possível um contato com os familiares e, em razão desta ausência, decidimos pela não utilização dos verdadeiros nomes. Quem conviveu por bastante tempo no Internato, provavelmente irá identificar os participantes dos causos aqui apresentados. No entanto, quem não conseguiu se lembrar dos fatos ou não conseguiu identificar os “colegas”, lembro que ainda há tempo para voltar ao “INTERNATO DA ESCOLA INDUSTRIAL”.

Memória fotográfica





Alunos no refeitório da Escola,
na Avenida Mauro Ramos (1966)



Prédio onde funcionava o refeitório da
Escola, na Rua Presidente Coutinho, 1962.



Alunos na gráfica da escola.



O ingresso na escola industrial



Nos anos de 1960, a Escola Industrial de Florianópolis, em princípio, recebia alunos vindos de todos os municípios de Santa Catarina que pretendessem aprender uma profissão. Era feito um exame de admissão e os aprovados ingressavam na primeira série do curso ginásial. A escola proporcionava cursos de alfaiataria, tornearia mecânica, ajustagem, carpintaria, solda, tipografia mecânica de automóveis e outros.

No início do ano letivo, o Diretor da Escola, com os alunos reunidos no pátio, fazia uma rápida apresentação e, a seguir, solicitava para que um funcionário procedesse a leitura dos nomes de cada aluno que eram numerados em ordem crescente.

Todos ficavam atentos esperando e observando quem seria o número 24 (vinte e quatro) que, após anunciado, era ovacionado por todos os presentes naquele ato cerimonial. O coitado sofria durante um ano inteiro, pois na escola somente existia um, “ele era único”. Ninguém sabia o nome do aluno, este era simplesmente chamado de “o vinte e quatro”.

Existia um sistema de graduação, como na universidade: no primeiro ano o aluno era chamado de “bicho” e, a partir do segundo ano, era chamado de “veterano”. A adaptação ao novo sistema era rápida, pois o aluno “bicho” de certa maneira sentia-se envaidecido só em pensar que poderia dar o troco em outros já no próximo ano letivo.

Os veteranos, por vezes, castigavam os alunos bichos. Era comum dar ordens, exigir algumas tarefas leves, como contar com palitos a distância em um corredor, ir num bar e comprar cigarros e, no internato, arrumar as camas e até lavar meias. Não adiantava reclamar para a Direção, pois a resposta era imediata: “Ano que vem, tu fazes a mesma coisa”.

Os alunos do Internato não eram vistos com bons olhos pelos moradores da cidade de Florianópolis, que quase sempre os discriminava. A maioria era brincalhona, aproveitava a ausência da família e extravasava suas angústias por meio de atitudes nem sempre entendidas e compreendidas pelos estranhos, criavam e viviam um mundo diferenciado da realidade da época. Os alunos do Internato construíram suas regras, o que os faziam aprender a ser parte de um grupo, ao mesmo tempo em que se tornavam independentes. Dava a impressão que os alunos do internato traziam tatuados na testa uma engrenagem, pois

eram identificados de longe: bastava uma pequena discussão entre estudantes ou até mesmo uma tentativa de paquera para se ouvir a famosa expressão: “Só pode ser da Industrial”.





Professores que marcaram na história da escola



Os professores da Escola Industrial desempenharam papel importante na educação e, na formação dos alunos internos. Todos demonstravam carinho especial e mantinham bom relacionamento se comportavam como se fossem os nossos parentes mais próximos na cidade de Florianópolis. A autoridade exercida por eles era democrática, o que de certo modo facilitava a comunicação, pois desempenhavam o papel de modelo a ser seguido ou, às vezes, até contestado. Muitos nos marcaram com suas posições em sala de aula, cujos ensinamentos relataremos nos casos a seguir:

Idalino Rousendo (disciplina = desenho) foi diretor adjunto. Era muito desbocado, constantemente se utilizava das expressões: “Quem tem terra é minhoca” e “Senta a pua”. A primeira ele usava quando alguém dizia que tinha medo de sair de Santa Catarina para trabalhar num outro Estado e a segunda, quando queria chamar a atenção de alguém desatento. Mais tarde, vim, a saber, que a expressão era o lema do 1º Grupo de Aviação de Caça na II Guerra mundial, em que a FAB participou na Itália contra a Alemanha, tendo feito muitas missões exitosas. Significa lançar-se contra o inimigo com decisão, coragem, sangue frio, golpe de vista e vontade de aniquilá-lo. O professor Idalino costumava dizer: Aqui na escola você tem três mães: *Uma que fica no céu, outra que vocês têm em casa e uma terceira que é para andar na boca dos colegas*. Por isso ninguém se incomodava de ser chamado de “filho da mãe”, ou qualquer outro adjetivo por vezes utilizado, para nomeá-la.

Tenente Rosa Foi professor de Educação Física, era muito rude e exigente, nos tratava como se fossemos “soldados” do quartel e não sabia o nome de ninguém. Seguidamente costumava chamar os alunos de “Zezinho” ou, então, de “banana”.

Uma história - Nos anos de 1963, o professor Rosa preparou um grupo de alunos para uma apresentação de ginástica artística, no Ginásio do SESI de Florianópolis. Foi um sucesso. No final da apresentação, a Professora Olga Brasil, que era vereadora na época, ao se acenderem as luzes do Ginásio com

o público ovacionando, falou: “Com luz ou sem luz, estes serão os futuros homens do Brasil.”.

Nilo Santiago, popular Bolão, era um gênio da tecnologia e tornearia mecânica. “Tinha tudo na cabeça ou no “Cabeção”“. Era capaz de ditar, por horas, textos que ele mesmo elaborava. Dificilmente consultava um livro.

Uma história - Existiu um aluno de nome João Batista dos Santos, apelidado de “Morangueira”, porque passava o tempo todo cantando uma música do cantor Moreira da Silva, bebia muito e não conseguia acordar cedo para assistir às aulas de segunda-feira. O professor “Bolão” decidiu expulsar o Morangueira de suas aulas. Num dia já com o saco cheio, falou com sua voz “forte”: “Hóje aqui ó João não éntra.” As aulas começavam as 07h45min, (sete e quarenta e cinco) e neste dia como sempre João chegou às 09h00min (nove). Antes que o professor “Bolão” pronunciasse uma palavra, Morangueira apontando para o colega Moacir Correa gritou: Não professor Nilo, Não é possível, isto é miragem! Um, “grinfo”. Esta foi a primeira vez que vimos o professor sorrir e alguém levar um apelido de graça.



Alunos Dairo, José Carlos, Adalberto, Dauri, Elói, Dilnei na aula prática de Mecânica, com o professor Nilo Santiago (1967).

Zezefredo Blaske - professor de desenho técnico lecionou várias outras disciplinas, inclusive física e matemática. Não possuía didática, era inteligente e sádico.

Uma história - O professor Blaske, durante o ano todo, fazia os alunos desenhar somente uma Engrenagem. Esta atividade se tornava complexa, pois ele conseguia explorar ao máximo o que queria dos alunos. Lá os detalhes se afloravam, iniciando com uma simples circunferência, traçando-se uma tangente, envolvente e calculando-se os números de dentes e, ao final, redesenhando a engrenagem num papel vegetal cobrindo-a com tinta nanquim. O professor BLASKE, *atribuía uma única nota ao ser concluído o trabalho, e esta era repetida para os demais meses do ano. "Todos os alunos ficavam angustiados, pois dependiam da nota de desenho técnico, para a aprovação geral e final."*

Dona Maria - professora de Português, muito engraçada, utilizava-se de livros que retratavam a realidade do Nordeste, falando dos pássaros, peixes e curiosidades. Naquele tempo, não era exigido comprovação de graduação dos professores. Ninguém sabia no que Dona Maria era formada ou se havia concluído algum estudo mais especializado. Provavelmente, ela foi contratada pelo Diretor da escola por compaixão, pois todos tinham consideração pelas pessoas oriundas do Nordeste, principalmente pelo histórico de sofrimento com as cheias e as secas.

Uma história - Era comum os alunos saírem da sala de aula e, depois, baterem na porta, dizendo: Dá licença dona Maria? No que ela respondia: "Entra minino edulcaldo..." Ela possuía um livro que tinha estampado a figura de um soldado, que ela exibia para os alunos dizendo: "A alma do soldado é a espingualda." Falava muito de um pássaro chamado uricuri, pelo qual demonstrava um carinho especial, pois fazia parte do enredo de suas poesias, que ela fazia questão de declamar para os alunos em sala de aula: "Uricuri, Uricuri..."

Waldir Busch - Professor de Matemática e impunha respeito pelo conhecimento. Era advogado e usava a retórica como instrumento de aprendizagem.

Uma Estória - Era comum o professor Waldir criar pequenos textos para explicar determinado conteúdo. Em uma de suas aulas, para demonstrar o

comprimento da circunferência, utilizou-se do seguinte argumento: “No Brasil nós temos o Pedro, na Inglaterra nós temos o Peter e na França nós temos o Pierre”. Um Pedro é igual a um Pierre. dois Pedros são iguais a dois Pierres. Logo, dois Pierre é o comprimento da circunferência. Nunca mais esqueci: $C=2\pi \cdot r$. Outra estratégia utilizada pelo referido professor para que seus alunos não esquecessem o valor numérico do Pi era traduzida na seguinte frase: “sou (3), o (1) medo (4) e (1) temor (5) constante (9) do (2) menino (6) vadio (5)”... ou seja: $\pi = 3,14159265\dots$

Hélio Barreto - Professor de português. O forte dele era o seu sotaque nordestino. Explicava muito bem o conteúdo da disciplina que lecionava. Era comum dar um toque especial, interpretando as frases que dizia. Uma Frase dita: “*Récife cidade péquena, porém décente*”.

Nelson Teixeira Nunes - Professor de História), era muito inteligente. Trajava-se impecavelmente, sempre de terno, alto funcionário do Palácio do Governo. Trazia jornais para a sala de aula e nos incentivava para o hábito da leitura. Permanecendo sentado em sua mesa, era comum nos provocar dizendo: “*Leiam qualquer notícia e depois me perguntem qualquer coisa sobre ela.*” Logicamente que não possuíamos conhecimentos suficientes para discutirmos com o mesmo e aí a provocação sempre ficava sem respostas.

Pedro Medeiros - Era professor de Prática em Alfaiataria. Conhecido por todos na escola como “seu Pedrinho”.

Uma história - Nos anos 60, seu Pedrinho candidatou-se ao cargo de vereador pelo município de Florianópolis e uma de suas primeiras reuniões aconteceu no Internato, e solicitou a nossa participação em sua campanha política. A grande maioria dos alunos era de menor idade. Para nós, foi uma alegria sair distribuindo os “santinhos” e propagandas do professor. Seu Pedrinho foi eleito e nunca abandonou o nosso pessoal. Quase todo o sábado comparecia ao Internato para colaborar na solução de nossas necessidades básicas.

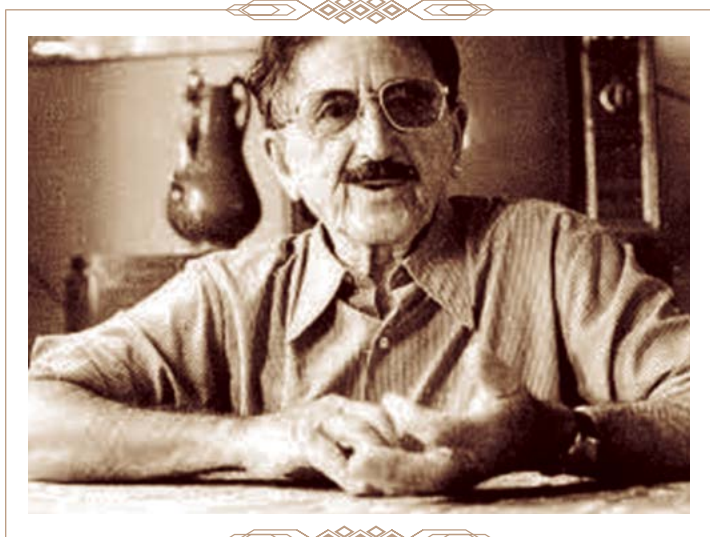
Solon Mazaraquis - Professor de Química. Era desajeitado, alegre, um homem muito bom de coração. Principalmente quando dava as notas das provas. Ninguém tirava menos de 9,0 (Nove) Todos passavam “direto”.

Aloísio Dobes - Secretário da Escola. Era amigo de todos os alunos e principalmente dos internos. Muitas vezes, o Aloísio nos socorria e até

emprestava uns trocados, quando estávamos em apuros. Teve um tempo em que a alimentação era racionada e o nosso querido “Dobes” dava um jeitinho, concedendo-nos um tipo de vale, que quebrava o galho, surtindo os “efeitos desejados”.

Artur Rodolfo Sullivan - Professor de Inglês. Foi perseguido pela Ditadura por ter posições e ideias avançadas para a época. Era muito amigo dos alunos, principalmente os do Internato. Ajudava-nos, doando algum material escolar e até pagando lanches. Gostava muito de nos ensinar músicas em Inglês, as dos Beatles eram suas favoritas, mas a que marcou a maioria foi My Bonnie, talvez por ter sido a mais fácil de decorar. Professor Sullivan, às vezes, tecia comentários sobre o tempo que esteve na prisão, mas nunca demonstrou ódio para com aqueles que o ofenderam e o puniram (os militares).

Frankilim Cascaes - professor de Desenho, um incentivador da cultura da Ilha. Acreditava no sobrenatural e valorizava aqueles alunos que o seguiam, principalmente aqueles que sabiam desenhar bem e que se interessavam pelas coisas do além.



Professor Franklin Cascaes.

Uma história de aluno - Uma vez em uma aula de desenho, o professor Frankilim Cascaes solicitou que desenhassemos Jesus comendo pipoca ou jogando futebol ou andando de bicicleta. Eu e outros amigos vindos do interior, em respeito ao que acreditávamos em termos religiosos, nos negamos a atender o solicitado. Foi terrível, pois o professor era teimoso e não admitia ser contrariado. Conclusão: Primeiro me deu uma dedada nas orelhas (tinha um dedo considerável!), que doeu bastante. Depois nos colocou de castigo, em pé num canto da sala, de cara para a parede.

Frederico Bundgens - Assumi a direção da Escola a partir de 1962, após um golpe de mestre dado, que culminou com a derrubada do Diretor da época, Senhor Moacir Bevennuti. Frederico ou “Didico” para os íntimos, ou seja, para os alunos do Internato. Permaneceu no cargo por uma eternidade. Era um homem bom, muito tímido, tinha muito zelo pelos alunos internos, os quais considerava como seus filhos. Lembro-me de uma vez em que alguns alunos do internato foram presos pela polícia militar, após praticarem atos desaconselhados para pessoas de bem. Num sábado, estávamos detidos em uma delegacia, situada próximo ao Quartel da Polícia, quando alguém que tinha presenciado os acontecimentos comunicou ao Diretor Frederico que, também, era advogado. Prontamente nos atendeu, lá compareceu nos libertando daquela prisão inconveniente e arbitrária.



Diretor Frederico Bundgens (Didico)

Colegas do Internato e seus causos

Os alunos do Internato eram diferenciados dos demais da escola, em relação a hábitos e a atitudes desenvolvidas no dia-a-dia. O pessoal era brincalhão, crítico e participativo. A maioria tomava iniciativas para assumir as novidades e modismos sem preocupações com o êxito ou o fracasso. Naquela época, já raspavam a cabeça e alguns usavam tamancos, fazendo um barulho infernal quando transitavam pelos corredores da escola. Muitas foram as histórias proporcionadas e vividas pelos alunos do Internato. Algumas continuam em nossas lembranças até os dias de hoje e nos obrigam a relatá-las nos detalhes sem preocupações com as consequências dos acontecidos, por configurarem a história do nosso tempo e que descreveremos como seguem:

Maxuel - Lembro-me de uma passagem envolvendo o referido colega, quando, no ano de 1962, resolveu "abrir a mão" e pagar para alguns colegas um "cafezinho" num bar existente na antiga rodoviária, situada na esquina da Avenida Hercílio Luz com a Avenida Mauro Ramos. Para azar do Maxuel, a sua xícara estava rachada e ele chamou o garçom e disse: *"Meu jovem, como ousas servir-me este líquido fumegante, num recipiente com rachaduras excêntricas?"* O garçom ficou assustado. Sem nada entender, permaneceu num profundo silêncio.

Ademir Humberto da Silva (Mico) - Vivia gozando da cara de todos e colocando apelidos. Para ele tudo era motivo de risos. Ele era feio, mas chamava a todos de "feio". Vivia contando histórias dos moradores do município de TIJUCAS, em Santa Catarina. Revoltado com a escola prometeu que um dia depois de conseguir um belo emprego, retornaria dirigindo um automóvel do último tipo, de preferência um "importado". E voltou... Concluiu na ETEFESC, o Curso Técnico de Máquinas e Motores no ano de 1968. Posteriormente formou-se no curso de Engenharia Mecânica no Estado de São Paulo.

Antonio C. Canhola - Numa excursão promovida pela escola no ano de 1967, em uma viagem de trem às dependências da Indústria de Engrenagens

ZF, ao adentrarmos em um dos vagões, suas portas fecharam e o Canhola ficou sozinho na estação “desesperado”. De dentro do trem, nós abanávamos com lenços, tirando sarro do amigo ali desamparado. Para sua alegria, o professor “Bolão” pegou um táxi e resgatou o Canhola. Concluiu o Curso Técnico de Máquinas e Motores na ETEFESC.

Sérgio Ivanir Moro (Galo) - Era viciado em chocolate (chocolatra) recheado com coco da marca “Prestígio”. Comia caixas e caixas e não dava pra ninguém. Galo atuou como goleiro no nosso time do Grêmio Cultural Cid Rocha Amaral. Concluiu o Curso de Máquinas e Motores na ETEFESC.

Jair dos Santos (Chorão) - Este era da pesada. Já naquele tempo (anos 60) infelizmente era viciado em drogas. Lembro-me de certa vez, ainda sobre o efeito das “porcarias”, ele escondeu uma grande quantidade de dinheiro e nos provocava, mandando-nos procurar. Só que se foi uma tarefa impossível, porque ele havia escondido no armário de quem ia procurar. Conseguiu concluir na antiga Escola Industrial somente o antigo curso ginásial, hoje ensino fundamental.

Sérgio Cole - Andava pelo Internato com um pedaço de cabo de vassoura encenando como se fosse uma vara de violino. Para nossa surpresa, um dia o Sérgio apareceu com o violino. “*E não é que ele tocava mesmo*”. Concluiu o curso de Máquinas e Motores na ETEFESC e, posteriormente, o curso de Engenharia Mecânica na Universidade Federal de Santa Catarina, onde foi professor.

Mario Amâncio - Após ter mantido “relações”, talvez sexuais, com uma jovem adolescente, foi surpreendido com a presença do irmão dela no Internato. Sorte dele que o Grinfo estava escondido atrás da porta com um pedaço de madeira na mão, pronto para socorrer o amigo. Daquela o Mario escapou. Concluiu o curso de Agrimensura na ETEFESC e, posteriormente, os cursos de Matemática e Direito. Atuou como professor nas redes Estadual e Federal.

Nilton Severo da Costa (Bitinho) - Costumava fazer as honras da casa. Nilton era uma figura carismática, com seu semblante de uma pessoa mais adulta. Aproximava-se dos pais e se comprometia em auxiliar os ingressantes. Morava no bairro Pântano do Sul, em Florianópolis, mas residia no internato

como se fosse aluno de outro município. Nas férias, costumava comparecer na casa dos amigos do interior e lá passava alguns dias. Concluiu o curso superior de Farmácia e Bioquímica na UFSC. Foi prefeito municipal em Florianópolis e Secretário de Estado da Educação em Santa Catarina.

Nabor Prazeres Popular (Fú) - Talvez ele nem saiba, mas quem lhe deu o apelido foi o Ademar Humberto da Silva (Mico), porque o achava parecido com um “chinês”. Nabor gostava muito da disciplina Inglês e vivia cantarolando uma música que gostava de ensinar. Enquanto nós cantávamos a música My Bonnie, que nos foi ensinada pelo professor Artur Sullivan, Nabor cantava a música Five Hundred Miles.

Abaixo, transcrevemos as letras das duas músicas cantadas pelos alunos do Internato.

My Bonnie

*My Bonnie lies over the ocean,
My Bonnie lies over the sea.
My Bonnie lies over the ocean.
Oh bring back my Bonnie to me.
My Bonnie lies over the ocean,
My Bonnie lies over the sea.
Well my Bonnie lies over the ocean.
Yeah bring back my Bonnie to me.
Yeah bring back, ah bring back,
Oh bring back my Bonnie to me to me.
Oh bring back, oh bring back,
Oh bring back my Bonnie to me.
Well my Bonnie lies over the ocean,
My Bonnie lies over the sea.
Yeah my Bonnie lies over the ocean.
Oh I said bring back my Bonnie to me.
Yeah bring back, ah bring back,
Oh bring back my Bonnie to me to me.
Oh bring back, ah bring back,
Oh bring back my Bonnie to me.*

Five Hundred Miles

Brothers Four

*If you miss the train I'm on,
You will know that I am gone,
You can hear the whistle blow a hundred miles.
A hundred miles, a hundred miles,
A hundred miles, a hundred miles,
you can hear the whistle blow a hundred miles.
Lord, I'm one, Lord, I'm two, Lord,
I'm three, Lord, I'm four, Lord,
I'm five hundred miles a way from home.
Away from home, away from home,
Away from home, away from home,
Lord, I'm five hundred miles away from home.
Not a shirt on my back,
Not a penny to my name.
Lord, I can't go back home this-a way.
This-a way, this-a way,
This-a way, this-a way,
Lord, I can't go back home this-a way.
If you miss the train I'm on,
You will know that I am gone,
You can hear the whistle blow a hundred miles.
A hundred miles, a hundred miles,
A hundred miles, a hundred miles,
You can hear the whistle blow a hundred miles.*

Leodegar Tiscoski – Este, juntamente com o Grinfo, namorou ao mesmo tempo uma jovem de nome Sandra. Um se encontrava com ela nos dias pares, enquanto o outro batia o ponto nos dias ímpares. Os “dois personagens só foram descobrir que Sandra e Sandrinha eram a mesma pessoa em um bate papo” ocorrido no Internato, depois de alguns meses. Concluiu o Curso Técnico de Agrimensura na ETEFESC e, posteriormente, o curso de Engenharia Mecânica na UFSC. Foi Deputado Estadual e Federal por Santa Catarina.

Osvaldino Hoffmann - Discípulo de Frankilim Cascaes desenhava muito. A escola promovia anualmente uma exposição de desenhos e ele sempre surpreendia apresentando obras curiosas e de rara beleza. Concluiu o Curso Técnico de Desenho. Foi professor de Desenho Técnico na ETEFESC e Secretário Municipal de Educação no município de Antonio Carlos.

Mario José dos Santos (Negão Mário) - Colega muito tímido, de origem humilde, como a maioria dos colegas internos, tinha uma inteligência invejável. Conseguia escrever todo o conteúdo ministrado pelos professores em poucas linhas, num caderno fino. Ele resumia tudo, suas notas eram excelentes. Desenhava muito bem, era criativo, utilizava uma técnica de desenhar e escrever histórias nuns cadernos, que alguns tiveram o privilégio de apreciar. Ele não emprestava os gibis para todos: “*era só para os mais íntimos*”. Uma vez, por solicitação da Direção da Escola, Mário desenhou o projeto de um Jardim que, posteriormente, foi construído na frente do prédio da Avenida Mauro Ramos e ali permaneceu durante muitos anos. Concluiu o Curso Técnico de Desenho na ETEFESC.

Jaime Guizoni - Tocava violão e cantava muito. Era compositor e possuía algumas músicas que, por vezes, nós decorávamos e cantávamos no Internato. Era corajoso, pois já naquele tempo se arriscava a cantar num programa musical noturno, na Rádio Guarujá de Florianópolis. Num determinado dia da semana, um grupo de colegas acompanhava o Jaime até a emissora, num gesto de companheirismo e solidariedade para aplaudir-lo durante sua apresentação. Concluiu o Curso Técnico de Agrimensura na ETEFESC.

Mario Celso Stabelin (Feio) - Em 1966, chegou ao internato trazendo um acordeão. Foi uma festa! Animava-nos tocando todos os gêneros de música, em especial o sertanejo. Concluiu o curso técnico de Agrimensura na ETEFESC. Mario conseguia arrebanhar um grupo de amigos e com eles promovia algumas serestas. Algumas vezes desaparecia do Internato, geralmente nos fins de semana, e se deslocava ao seu município de origem São Pedro de Alcântara e pelo que se soube, lá as festas tinham continuidade. Formou-se no Curso Superior de Engenharia. Foi Secretário Municipal de Transportes e Obras em São José /SC



A Espiritualidade e a Solidariedade



Interessante era o que acontecia no Internato em termos religiosos, considerando-se que a maioria era brincalhona, não levava nada a sério e, por vezes, não acreditava nas coisas ditas espirituais. Após a chegada do Colega de nome Gilberto Barbosa, oriundo do município de Santana, muita coisa começou a mudar. Ele era católico praticante. Estabeleceu contatos com o Padre João Alfredo Rohr, que coordenava um museu arqueológico existente no Colégio Catarinense. O museu coordenado pelo Padre Rohr reunia amostras do reino mineral, vegetal, animal e humano. O que mais nos chamava a atenção eram os esqueletos de animais e os de humanos, principalmente aqueles dos indígenas. O padre nos reunia numa pequena sala onde estava instalado o seu famoso museu e nos dava uma verdadeira aula de história natural, explicando com os mínimos detalhes a origem de todo aquele arsenal. A iniciativa para a nossa participação na Congregação Mariana sob a orientação espiritual do padre João Rohr foi do colega Gilberto, que convidou alguns amigos, mais ou menos uns vinte que, a partir daí, compuseram aquela associação religiosa somente de jovens masculinos, sobre o comando do referido Padre. Todas as terças-feiras, o grupo se dirigia a uma das salas do Colégio Catarinense e lá cantava belas canções dedicadas a Nossa Senhora e a São Luiz, que era o nosso patrono. Depois de muito tempo, já adulto, vim a compreender quão importantes foram aqueles momentos para a formação de meu caráter. Da turma que participava da Congregação, guardo belas lembranças. Ah, como era linda e gratificante aquela convivência religiosa! Minha mãe, quando soube que eu participava da Congregação, disse: *“Agora estou tranquila, sei que estás bem encaminhado”*.

Solidariedade no internato

A dinâmica de vida de Internato obrigava-nos a desenvolver, mais do que qualquer outra, a criação de profundos laços de solidariedade, obrigando-nos a praticar os atos de bondade com todas as pessoas com as quais nos relacionávamos. Vivíamos lado a lado, nos quartos, na sala de aulas, no desporto e no lazer, partilhando com o mais próximo todos os momentos

de nossas vidas. Desenvolvíamos afinidades e estratégias para enfrentar em conjunto as eventuais adversidades que surgiam. Éramos verdadeiros amigos, quase irmãos, constituindo uma verdadeira família. Éramos confidentes uns dos outros, recorriamos aos alunos mais velhos, quando era preciso um conselho mais experiente. Nas necessidades, sempre aparecia o braço amigo, a mão estendida, o sorriso aberto, enfim, o internato se mobilizava criando redes sólidas, profundas e lais de solidariedade. Relembremos algumas situações acontecidas com colegas no Internato, as quais comprovam a grandeza do sentimento solidário já existente naquele tempo.

Caso 1 - Morava no Internato um colega de nome **Rogério** (Coruja), muito doente. Era epilético e a escola permitiu que sua mãe convivesse com ele num pequeno quarto. Numa noite, o jovem colega sentiu-se mal, sendo acometido de vários ataques, vindo a falecer, infelizmente. Aquela mãe, desesperada, pedia socorro e quase todos os colegas do internato deslocaram-se para o recinto onde se encontrava o corpo estendido em uma cama. Naquela noite, não conseguimos dormir. A preocupação maior era prestar solidariedade à mãe do colega Rogério, demonstrado através de pequenos gestos e palavras.

Caso 2 - O aluno **Mário José dos Santos** era detentor de um tipo de reumatismo raro, conhecido mais tarde cientificamente pelo nome de “Síndrome de Raiter”. O colega Mário sofria muito com esta doença, pois a mesma provocava dores horríveis nas articulações dos membros inferiores, o que o impedia de locomover-se. Até para ir ao banheiro precisava do apoio dos colegas. Tomar banho nem pensar, pouco podia se locomover. O internato ficou distante da escola. Então, a Direção decidiu que um funcionário seria responsável por levar a alimentação do Mário todos os dias. No começo, a coisa aconteceu na normalidade, mas após alguns dias, esqueceram-se do compromisso assumido. Foi então que os colegas do quarto do Mario entraram em ação e resolveram pegar a bandeja de comida no refeitório da escola, conduzindo-a para o internato. O amigo Newton Fernandes, popular “lageano”, foi quem iniciou o movimento. Organizou um rodízio e todos os dias lembrava quem deveria ser o responsável pela atividade. Até frutas eram compradas pelos colegas, provavelmente financiadas pelo colega lageano, pois era o que possuía melhores condições. Durante o período em que o Mario se ausentou das aulas, alguns dos colegas levavam o conteúdo das disciplinas para que ele se atualizasse.

Caso 3 - Neomésio da Silva, colega vindo do município de Armazém, já adulto, trabalhava durante o dia, vendendo cigarros e estudava à noite no curso de Agrimensura. Tinha pouco tempo para estudar e, até o mês de Junho, sua nota maior na disciplina de Física era 1,0 (um). Pensou em desistir, mas antes perguntou para um colega se haveria condições de passar de ano, caso começasse a estudar. Grinfo respondeu que sim. Com a ajuda de alguns colegas, Neomésio partiu para o estudo e no segundo semestre tirou quase todos os meses sempre a nota 10 (dez) e foi aprovado. Conseguiu se formar no Curso técnico de Agrimensura, posteriormente concluiu os cursos superiores de Agrimensura e de Transações Imobiliárias. Foi funcionário público estadual e Secretário Municipal de Obras.



O Grêmio Cultural Cid Rocha Amaral



Eu era jovem, tinha apenas 15 ou 16 anos. Muitos dos colegas internos participavam do Grêmio Cultural Cid Rocha Amaral, o famoso “GECECRA”.

Era a nossa associação, local onde nos reuníamos para discutir as nossas necessidades, principalmente esportivas e algumas reivindicações que eram encaminhadas ao Diretor da Escola. Na sede do Grêmio, existiam alguns jogos (dominó, baralho, damas, mesa de ping-pong, palitos), mas o forte mesmo era o time de futebol. Já existiam os titulares e os aspirantes, naquele tempo chamados de Primeiro e Segundo Times (respectivamente). As cores da camisa eram o azul e branco, muitos jogavam um “bolão” e eram assediados até por times profissionais do estado. Aconteceu, também, o assédio de membros das associações representativas dos estudantes que, muitas vezes, infiltraram-se no Internato, tentando nos introduzir nas manifestações, por vezes compostas de certo radicalismo. Lembro – me de uma vez em que fomos orientados para provocar alguns policiais militares e aconteceu um confronto próximo à praça existente em frente ao Batalhão de Corpo dos Bombeiros. Foi uma correria! Teve gente que amanheceu com o rosto inchado. A UNE (União Nacional dos Estudantes) e a UCE (União Catarinense dos Estudantes), algumas vezes financiaram viagens de colegas até o Rio de Janeiro e até para exterior (Cuba). Em 1968, alguns colegas do Internato participaram de protesto no Rio de Janeiro, em função da ocorrência da morte do estudante de nome “Edison” por policiais. Essa ocorrência foi bandeira de luta durante muitos anos por estudantes que protestaram contra a violência policial praticada durante o período da “ditadura militar”, acontecida a partir de 1964. O comprometimento, a convivência e a participação dos estudantes do internato nos vários movimentos estudantis, teve como consequência a introdução de muitos na vida política partidária. Destacaram-se neste cenário os seguintes colegas: Nilton Severo da Costa – Prefeito Municipal de Florianópolis /SC; Sérgio Grandó – Prefeito Municipal e Vereador de Florianópolis, Deputado Estadual /SC; Moacir José Serpa – Prefeito Municipal de São João Batista/SC; Luiz Dario Rocha – Prefeito Municipal e Vereador de Imbituba/SC; Antonio Martendal – Prefeito Municipal de Antonio Carlos/SC; Ariosvaldo

Sanceverino – Prefeito Municipal de Garopaba/SC; Leodegar Tiscoski – Deputado Estadual e Federal /SC; Domingos Ferreira – Vereador em Garopaba/SC; Moacir Pedro Corrêa – Vereador em Tubarão/SC; Zenon Faísca – Vereador em Laguna/SC. Muitos outros ocuparam cargos de destaque em prefeituras municipais, no governo estadual e até mesmo no governo federal, tudo em função da conscientização política adquirida ao longo dos anos na convivência do Internato.

Algumas formações dos times de futebol do GCCRA - Grêmio Cultural Cid Rocha Amaral

Na história do Grêmio Cultural Cid Rocha Amaral, entre as diversas atividades educacionais e esportivas desenvolvidas o futebol destacou-se na predileção dos alunos internos, que ao longo dos anos, compuseram quase que na totalidade a formação das equipes.



Time da Escola em 1968:

Em pé: Volnei Rodrigues, Luiz Carlos, Ézio, Sávio Leoni, Rui e Haroldo Prates. Agachados: Januário, Denir Leite, Antonio Martins (Lolo), Moacir Corrêa (Grinfo) e Carvío Martinelli



Time da Escola em 1966:

Em pé: Antonio Martins (Lolo), Ademir, Niltinho, Dairo Cesa, Toba e Miracir. Agachados: José Carlos (Padreco), Gessi, Barni, Daniel e Zique.



Time da Escola em 1965, no campo do Abrigo de Menores. Emilio, José Carlos, Eloi, Dairo, Bongioiolo, Manoel, Adalberto, Barni, Jailton, Claudir e Adelarado



Time da Escola, em 1965:

Em pé: Pedro Bunn, Alcione, Galego, Sérgio Moro (Galo), Miracir, Mário Cesar e Nicolau. Agachados: Meler, Elcio, Gessi, Barni, Daniel e Nilton Severo.



Diretoria do Grêmio Cultural Cid Rocha Amaral, em 1963.

Em Pé: Gilson Rodrigues, Gercino Schmidt, Adalberto Olinger, Luiz Corrêa, Eurico Willemann, José Carlos de Souza e Dionísio Loch. Sentados: Osmar Barni, Sérgio Brasileiro, Sérgio Moro, Osvaldino Hoffmann, Haroldo Prates Silveira e Lisandro Davet.



Como viviam os alunos internos



Com a mudança das atividades da escola da Rua Almirante Alvim para a nova sede na Avenida Mauro Ramos, os quartos do Internato foram improvisados, pois passaram a funcionar no local onde antes existiam as salas de aula, a secretaria, a biblioteca, a enfermaria etc.

Os quartos do Internato eram coletivos, com camas nos quartos maiores (até 25 alunos) ou beliches nos quartos menores (até 6 alunos).

As roupas de cama eram fornecidas pela escola, que se preocupava com a lavagem também das roupas pessoais dos alunos.

Todo aluno interno, possuía um armário pelo qual era responsável, durante o ano letivo. No interior era guardado tudo o que se possa imaginar, dependia da criatividade e organização de cada um. Além das roupas, ficava armazenado o café solúvel (Nescafé) e as demais comilanças que trazíamos de casa.

Tinha roupeiro que mais parecia um minimercado, pois alguns exageravam e armazenavam alimentos variados perecíveis e não perecíveis. Era uma tentação, e isso, estimulava assaltos aos roupeiros dos menos avisados, não adiantava colocar cadeado nas portas que os mesmos eram arrombados. Com o tempo muitos se conscientizaram de que no roupeiro só poderia ser colocado o mínimo possível, ou seja, somente o essencial, se não aгуçasse os olhos dos curiosos.

Cada quarto do Internato tinha um nome pelo qual eram conhecidos os moradores. Assim tínhamos o Quarto dos Sujinhos, do Pingo de Ouro, da Pocilga, das Pombas, Do Velho Barreiro, Enfermaria.

O quarto dos sujinhos era muito disputado por ser o de menor tamanho. Inicialmente era utilizado pelos veteranos que, mais tarde, cederam o direito para os mais novos, ou seja, não se importavam com a preferência. A turma do “sujinho” não gostava de tomar banho e nem de lavar o quarto.

O Pingo de Ouro e o velho Barreiro eram compostos de uma “elite” que bebia - e “muito”-, mas dizia que era apenas socialmente!

O das “Pombas” era todo enfeitado, encerado, com quadros na parede, um brilho. “Nele moravam “uns meninos muito educados” que, naquele tempo, eram suspeitos, mas que pelo que sei todos casaram, eliminando dúvidas até então existentes”. Num outro tempo, o que aqui está escrito, seria descrito de forma totalmente diferente, em respeito a nossa “formalidade”, não comentaremos os detalhes, pois poderiam comprometer.

A Enfermaria era o maior quarto do Internato. Tinha quase 30 camas, muito sujo e lá sempre dava confusão. Eram comuns as brigas diárias por motivos fúteis!

A iniciação sexual

Era normal que jovens e adolescentes normais tivessem afloradas as suas necessidades sexuais. Afinal, viviam longe de casa, dedicavam-se exclusivamente ao estudo, não possuíam recursos financeiros suficientes para pagar atividades “compensadoras”. Quando ocorria algum descuido e que por consequência provocava, problemas de saúde, os alunos do internato eram orientados pelo professor Idalino Rosendo e socorridos pelo Dr. Lauro Daura que após consulta médica, nos encaminhava ao enfermeiro Sr. Valdemar José da Silva que para qualquer doença nos aplicava uma injeção, denominada por ele de “*a moreninha*”.

O quebra quebra das camas e roupeiros

O esforço despendido com os estudos era compensado no final do ano quando aqueles alunos que tinham alcançado a média 7,0 (sete) eram “premiados” e então dispensados de provas finais e, conseqüentemente, entravam em férias mais cedo. A listagem com o nome de todos os alunos e suas respectivas médias era afixada num mural onde contemplávamos com alegria mais um ano de conquistas.

Eram poucos os alunos que não obtinham a média exigida para a aprovação, pois, apesar da bagunça, existia o compromisso pelos estudos. As reações eram as mais variadas possíveis: uns choravam de alegria ou de tristeza, outros gritavam e pulavam com o intuito de demonstrar seus sentimentos. Da escola na Avenida Mauro Ramos, partíamos em procissão até o Internato. Lá era iniciada a bagunça institucionalizada: “briga com travesseiros, quebra de camas e armários”. O prejuízo existia e era reparado no início do outro ano, quando a Direção procedia a reforma de todos os móveis do Internato. Hoje temos consciência de que aquele ato era impensado e irresponsável.

Os dons musicais

No internato, predominava a descontração. Havia colegas que tocavam instrumentos musicais, compunham músicas, faziam versões e outros cantavam muito bem, como era o caso do amigo Jaime Guizoni. Instrumentista havia

o Juquinha no cavaquinho e o Neomésio no violão. Só olhando, a maioria aprendeu a solar pelo menos uma música no cavaquinho ou no violão. Nas brincadeiras surgidas, nos momentos de diversão, era comum “alguém” inventar uma letra sobre fatos acontecidos na escola ou sobre pessoas de nossa convivência diária e cantarolar.

Estas letras eu nunca soube de quem eram

O lema da nossa escola é o picado arroz em bola, Seu Ivo é o cozinheiro o Ascendino o irmão dele, O Nico só lava pratos, o irmão do Nico é o Saturato... (A música era a mesma da Canção do Soldado). 'Nós somos da Pátria a guarda, Fiéis soldados, Por ela amados...

Meu amigo saturato... oi diacho... já começa o ano bem... oi diacho... com a patente pra limpar... oi diacho...

Acampamento no período de recesso escolar (feriados prolongados)

Sempre que tínhamos um feriado prolongado, a grande maioria dos alunos internos se deslocava para a residência dos pais.

Um pequeno grupo permanecia no internato e com esses a Direção colaborava no máximo que podia. Eram fornecidas umas barracas e lá íamos nós acamparmos na Lagoa da Conceição. O trajeto era feito a pé (mais ou menos 10 km), mas compensava o sacrifício. Quando chegávamos lá, era só alegria. O Diretor mandava um caminhão com as panelas, barracas e toda a alimentação. Aqueles dias se tornavam fantásticos! Brincávamos nas dunas, tomávamos banho na lagoa, pegávamos camarão com as mãos (naquele tempo não havia poluição nas águas). Eram só mordomias! Todos os dias o Diretor da escola encaminhava a alimentação: café da manhã, almoço e janta. A convivência era harmoniosa, sadia e tranquila.

As cartas...

Todos os dias, na hora do recreio, entre 10h e 10h15min era uma festa. Ao tocar o sinal, nos dirigíamos ao pátio da escola e nos postávamos em frente à guarita, pois nesta hora o guarda (vigilante) colocava as cartas num janelão de vidro. Era grande a disputa por um lugar na frente, pois todos queriam aparecer, mostrando a carta que receberam de sua namorada. Alguns

chegavam ao Internato e faziam questão de ler em voz alta o conteúdo da carta que receberam, só para deixar os colegas com água na boca. Nunca se soube se o que foi lido era real, pois a carta não era mostrada... Havia gente que pedia para a irmã escrever, como se fosse a sua namorada! A disputa era acirrada, uns recebiam cartas todos os dias. Foi criado no Internato o hábito de escrever a “carta do dia das mães”, quando se aproximava a data de comemoração. A maioria dos alunos internos escrevia respeitosamente uma carta declarando o amor por aquela que era a razão de nossa existência.

Os apelidos

Praticamente todos os alunos tinham um apelido. No entanto, ninguém levava o fato a sério. Nunca foram presenciadas atitudes agressivas, verbais ou físicas por parte dos colegas do internato em razão de ser apelidado por alguém. Pelo que me lembro, havia até quem levava susto quando ouvia o seu próprio nome. Não havia o que hoje chamamos de “*Bullying*”.

Atrevo-me a mostrar alguns dos apelidos utilizados pelos colegas do internato: Galo, Filho, Balgueia, Gaturama, Xulipa, Padreco, Lola, Toba, Picapau, Chorão, Toninho, Grinfo, Juca, Velho, Canarinho, Caju, Tico, Bolão, Gordo, Mazola, Bacuri, Sapo, Brocha, Mico, Zique, Gambá, Drácula, Bedan, Bode, Pata Larga, Feio, Boi, Coruja, Morangueira, Zé do Norte, Zé do Brejo, Juquinha, Bitinho, Pernalonga, Cachorro, Pinduca, Dedão, Negão, Chapecó, Lageano, Sinaleira, Garrincha, Porco, Porquinho, Tubarão, Cuequinha Branca, Mamica, P.O., Dentinho, Fominha, Camelo, Camarão, Boca, Banna, Paneleiro, Bode Velho, Bosta Seca, Xaxim, Bicana.

Quem cuidava do internato

Durante o período em que estivemos internos, várias pessoas cuidaram do internato. Uns eram funcionários da escola, outros estudantes de Direito: Tonerá, Seu Luiz, Margarida, Ditmar Kopack, Marcio Guizzi, Pedro Fernandes.

De todos, o mais famoso foi o Seu Luiz, homem muito bom, com problemas de surdez. O Haroldo Prates Silveira aluno muito atentado, vivia gozando do coitado do seu Luiz. O Haroldo decorava algumas palavras do dicionário e estabelecia o seguinte diálogo; “*seu Luiz, o senhor é um pederasta velho: Luiz respondia: é Haroldo, mais ninguém colabora*”. E o diálogo continuava: “*é, seu Luiz, o senhor é um súcia? Luiz retrucava: Sujo não! Eu sou muito limpo*”. Por várias vezes, o Haroldo colocava uma Bomba (Rojão) no bolso do paletó

do seu Luiz. Lógico que metade do paletó ia pelos ares. Mas para consolo do seu Luiz, o Haroldo sempre trazia outro paletó para ele. A sorte do Haroldo é que nunca ninguém disse para o seu Luiz que ele tinha medo de baratas.

O abaixo assinado

No ano de 1967, alguns internos extrapolaram após um momento de desconcentração. O colega Ademir Umberto da Silva, popular “MICO”, que era muito gozador e aprontador, fez uma das suas, sendo pego na oportunidade pelo estudante de Direito Pedro Fernandes, que era contratado da escola para cuidar do Internato. O Diretor da Escola, Frederico Bundeges, insatisfeito com o serviço então desenvolvido, até porque dificilmente o Pedro comparecia no local de trabalho, exigiu que fosse apresentado um relatório circunstanciado sobre o comportamento dos alunos internos.

Era comum os internos se excederem nas brincadeiras e serem denunciados pelos vizinhos que exigiam medidas severas por parte da direção da escola. Considerando as diversas reclamações formuladas por moradores das ruas Presidente Coutinho, Rua Almirante Alvim aonde se encontrava situado o internato, noticiando então para a direção o mal comportamento de alguns alunos exigindo providências. Pedro relatou para o diretor o fato de que havia reclamações denunciando um aluno, por condutas inconvenientes e que segundo informado o mesmo era, magrinho e moreno, concluíram que só poderia ser o Grinfo e o Diretor baixou uma Portaria expulsando-o do Internato. Só que o Grinfo não se fazia presente no Internato naquele dia e o ato se consumado seria uma grande injustiça. Aí é que aparece o colega LUZENIR TEIXEIRA, muito bom em redação, que decidiu prontamente elaborar um “abaixo- assinado”, solicitando a revogação da Portaria, no que fomos atendidos pelo Diretor da Escola. Naquele dia, pela primeira vez, senti a felicidade e orgulho dos meus colegas, todos motivados pelo sentimento de JUSTIÇA. Coincidentemente, o colega Luzenir foi convidado para trabalhar como Secretário na Prefeitura de Paulo Lopes. Naquele tempo (anos 60), receberia um ótimo salário. De pronto aceitou o cargo, não concluindo o Curso Técnico. Eu senti muito a ida do colega. Nunca mais tivemos contato.



Consequências da Revolução de 1964



A revolução de 1964 trouxe sérias consequências para os alunos da Escola Industrial, principalmente para a turma do Internato. Lá pelos anos de 1965, começou o racionamento por parte do governo federal, ‘militares’, que não tinham compromissos com a educação e, por isso mesmo, tudo faziam para manter o povo submisso e alienado. As verbas começaram a ficar escassas e a alimentação dada aos alunos internos ficou comprometida. Primeiro o Diretor mandou tirar o jantar, substituindo por Café, adoçado com mel de abelhas. Depois solicitou a colaboração financeira dos pais. Mas infelizmente a “maioria” era pobre e não podia colaborar com a escola.

Surgiu, então, como alternativa contemplar os alunos com certa quantia financeira e com ela os alunos deveriam fazer as refeições “fora” da escola. Todos foram para uma pensão chamada “pensão “Verde Mar” que existia perto da Catedral Metropolitana”. O proprietário da pensão se chamava “seu Roldão” e possuía uma linda filha chamada “Jane”, moça simpática e muito prestativa. A criatividade dos alunos internos começava a despontar, quando o Diretor entregou para cada aluno uma quantia em dinheiro, “vamos supor” R\$23,00 (vinte e três reais), destinados ao pagamento das refeições (café da manhã, almoço e janta). Seu Roldão cobrava R\$30,00 (trinta reais), logo cada aluno deveria entrar com R\$7,00 (sete reais) do bolso dos pais. O problema é que a maioria não tinha condições de colaborar.

Como saio desta?

Primeiramente, alguns alunos conversaram e negociaram com o seu Roldão, no sentido de só almoçarem no restaurante: “Verde Mar”, eliminando as outras refeições. O café da manhã e o Jantar seriam feitos no Internato. A dita redução na alimentação provocou um desconto de R\$15,00 (quinze reais), sobra suficiente para comprarmos o pão, açúcar e o café. Instantaneamente, criamos um aquecedor de água (famoso Rabo Quente), feito com um pedaço de madeira em forma de Y, enrolado com resistência de ferro elétrico. Com este “instrumento” conseguíamos fazer o café de manhã e até cozinhar refeições simples à noite. A empolgação tomou conta de alguns

“colegas” que extrapolaram os limites, como foi o caso do Gerson de Criciúma, só comia abacate, laranja e banana, economizando para comprar uma espingarda. E conseguiu! Num belo dia apareceu o Gerson com uma cartucheira e sua famosa espingarda, que exibia a todos como um troféu causando inveja e provocando curiosidades.

O clube dos saíra

Agora motivados pela atitude bem sucedida do Colega Gerson, outros aderiram ao que chamaram de “clube do saíra”. Quem quisesse participar só poderia se alimentar de frutas e assim se economizaria os R\$ 23,00 (vinte e três reais), com os quais se poderiam comprar roupas e até relógio, como foi o meu caso. O problema é que a grande maioria ficou desnutrida, pois a alimentação não era a suficiente para a nossa idade. Escrevi uma “carta” para minha mãe, relatando meu frágil estado de saúde e solicitando para que viesse me buscar, pois não me encontrava bem. Chegando a Florianópolis, minha mãe se deslocou até o internato e, depois de permitida a sua presença, adentrou no recinto e, para sua surpresa, encontrou alguns alunos “acamados”, todos “subnutridos”. A viagem de retorno à minha terra natal (Tubarão) aconteceu em uma semana, pois minha mãe parou em alguns outros municípios para comunicar aos pais sobre o estado de saúde de seus filhos. Aquela infeliz experiência nunca mais foi repetida!

O desfile de sete de setembro

Todos os anos era sempre a mesma história. Já no mês de agosto, éramos dispensados pelo menos duas vezes por semana depois do recreio para ensaiarmos com a banda, preparando-nos para o dia do “desfile cívico”.

Era uma “vergonha”! Os alunos desciam a rua desvairadamente, gritando, cantando, tropeçando nos próprios pés. Ninguém guardava o silêncio, caminhavam sempre em frente o mais firme que podiam, ignorando as risadas dos outros. O diretor ficava desesperado. Mandava os inspetores Seu “Margarida, Seu Carreirão e o Édio cuidar de nós, mas a coisa ficava insuportável”. Tínhamos que retornar para o pátio da escola e lá recebermos as broncas do “DIDICO”, ou seja, do Frederico Bundgens, o Diretor da Escola. Era tempo perdido ensaiar a marcha, dispensando os alunos de atividades na sala de aula, porque ninguém levava a coisa a sério. No entanto, quando chegou o dia 7 de setembro, o desfile transcorria às mil maravilhas. Cada um

se preocupava com o colega do lado e da sua frente, respeitavam o alinhamento horizontal e vertical! Ninguém podia falhar. Todos se preocupavam com a ordem e postura. Sabíamos que naquele dia nossos pais, irmãos e outros parentes se faziam presentes no evento. Éramos aplaudidos como se fôssemos os verdadeiros Heróis da Pátria.



Alunos da Escola em Desfile de Sete de Setembro,
na Rua Visconde de Ouro Preto.

Arquivo pessoal de Osvaldino Hoffmann.



Alunos da Escola em Desfile de Sete de Setembro,
na Rua Visconde de Ouro Preto.

Arquivo pessoal de Osvaldino Hoffmann.



Algumas informações interessantes captadas do site



Ao longo dos anos, nossa querida escola foi se aperfeiçoando e, por necessidade, se adequando à nova realidade. Várias foram às denominações atribuídas em função dos objetivos a serem concretizados com a nova estrutura formalizada. A título de informação, consideramos importante a divulgação do contido no site: www.florianópolis.ifsc.edu.br/ext

Denominações da escola de 1910 a 1970

- 1910 – Escola de Aprendizes de Artífices de Santa Catarina.
- 1937 – Liceu Industrial de Santa Catarina
- 1942 – Escola Industrial de Florianópolis
- 1965 – Escola Industrial Federal de Santa Catarina
- 1968 – Escola Técnica Federal de Santa Catarina
- 2002 – Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina
- 2009 – Institutos Federal de santa Catarina

A partir de agosto de 1962, começaram oficialmente as atividades escolares na nova sede da Escola Industrial de Florianópolis, na Avenida Mauro Ramos. Toda a estrutura administrativa e as oficinas, no entanto, continuavam no prédio da Rua Almirante Alvim. A transferência total de toda a estrutura da escola foi feita apenas no final do ano de 1962.

O primeiro Conselho de Professores da Escola Industrial de Florianópolis, com a finalidade de conduzir as atividades didático-pedagógicas, foi implantado no início de 1963, com a posse dos seguintes conselheiros: Antônio de Freitas Moura, Newton Brüggmann, Hélio Barreto dos Santos, Waldir Busch, Marco Aurélio Ramos Krieger, João Francisco da Rosa, Nilo Medeiros de Santiago, Pedro Eduardo Cardoso, Cezefredo Blaschke, Georges W. Wildi, Pedro Medeiros, Alcides José de Moraes, Mário Nunes, João Heleodoro Ferreira, Lino Geraldino da Silveira e Arlindo Guimarães.

O **Ginásio Industrial**, equivalente ao primeiro ciclo do curso secundário, foi implantado oficialmente em 07 de dezembro de 1962, substituindo os cursos industriais básicos. A última turma de ginasianos formou-se em 1973.

No início de 1962, foram implantados os *Cursos Técnicos* na Escola Industrial de Florianópolis, com os cursos de Máquinas e Motores e Desenho Técnico, dando início ao *Colégio Industrial*. Os alunos concluintes recebiam certificados equivalentes aos dos demais cursos existentes no Brasil à época – Científico, Clássico e outros.

Com a implantação do Colégio Industrial, com cursos técnicos, surgiu o *Centro Técnico Industrial de Florianópolis (CTIF)*, como entidade representativa dos *estudantes* da escola. Em fevereiro de 1964, o Conselho de Representantes da Escola passou a contar com a presença do Presidente do CTIF e, em outubro, houve a fusão do CTIF com o *Grêmio Cultural Cid Rocha Amaral*.

Em 20 de agosto de 1965, por meio da Lei 4.759, a Escola Industrial de Florianópolis recebeu a denominação de *Escola Industrial Federal de Santa Catarina*.

Em 6 de junho de 1968, por meio da Portaria Ministerial 331, a Escola Industrial Federal de Santa Catarina transformou-se na *Escola Técnica Federal de Santa Catarina*.

Ainda em 1968, a Lei nº 5.524 regulamentou a profissão de técnico. Na Escola Técnica Federal de Santa Catarina foi implantado o curso Técnico de *Eletromecânica* (que durou até 1972), a *Coordenação Geral de Ensino* e a *Assessoria Técnico pedagógica* (que mais tarde se tornaria a Coordenadoria de Supervisão Escolar).

Em 1969 foram extintos o curso ginasial, os cursos técnicos de Mecânica de Máquinas e Desenho Técnico e instalado o laboratório de Eletrotécnica.

Algumas imagens da nossa escola ao longo dos anos

Em 2011, Dairo Cesa e Nélio Pagani, juntamente com outros colegas, inovaram mais uma vez ao decidirem pela promoção de encontros dos ex-alunos da ETEFESC. O objetivo principal era relembrar as muitas histórias que fizeram parte da trajetória da escola, formando uma rede de parceria e troca de experiências. O primeiro encontro aconteceu em 2012; foi um sucesso lá com bom humor e intimidade foram contadas histórias, apresentados fotos e relembrados os momentos de desconcentração vividos pelos alunos internos e externos nos anos 60. Passaram-se quarenta anos, apareceram as rugas, os cabelos brancos, a calvície, as limitações físicas, no entanto, permaneceram firmes os laços de amizade que nos uniu durante os anos que juntos passamos no Internato.





Prédio a Escola Industrial Federal de Santa Catarina a partir de 1965.



Escola Técnica Federal de Santa Catarina em 1968.



Prédio do Instituto Federal de SC, em 2014.

E hoje como estamos?
Quarenta anos depois.





*Primeiro encontro dos Ex-Alunos
da ETEFESC/2012*



Ex-Alunos com familiares em 2012



Segundo encontro dos ex-alunos em 2013.



Segundo encontro dos ex-alunos em 2013.



*Encontro de ex-alunos da ETEFESC
em São José/SC*



Geraldo Canarim, Mario Amancio e Moacir Corrêa
Encontro dos ex-alunos da ETEFESC em 2013.



Primeiro Encontro dos ex-alunos
em São José/SC



Depoimentos de ex-alunos do internato



Importante foi a participação de alguns dos ex-alunos, por meio dos depoimentos prestados, que nos ajudaram a compreender como pensavam e como se sentiam em relação às questões éticas definidas naquela época por aquela comunidade formada por jovens interioranos, cujas manifestações contribuíram para definir o que representou o internato em suas vidas.

Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, a partir da disponibilidade e interesse em colaborar, respondendo as seguintes perguntas: Por que procurou o Internato da Escola? Como era a vida no Internato em seu tempo? Quais as lembranças positivas e/ou momentos marcantes deste tempo? O que o Internato representou para a sua vida? De forma geral, todos os entrevistados avaliaram a experiência de viver no Internato como um importante momento de suas vidas e que lhes ficou marcado na memória. Por isso, destacaram o amadurecimento pessoal alcançado em virtude das amizades conquistadas e das dificuldades enfrentadas, assim como pelas possibilidades de reflexão e mudança em suas ações. Esses ganhos contribuíram inclusive, para a resignação de si mesmos e da experiência de internato, tornando secundárias as dificuldades enfrentadas e experiências negativas. Confira o que disseram alguns dos os ex-alunos:

1) Mario José dos Santos, natural de Laguna/SC, ficou no Internato entre os anos de 1963 a 1969, por motivos econômicos. Morava fora da Capital e não tinha condições de pagar uma pensão para poder estudar. Concluiu os cursos: Ginásial Industrial e Desenho Técnico Mecânico. Excluindo a saudade que sentia de casa, considerou a vida do Internato muito boa, pois tinha cama, comida e até ganhava a passagem para ir para casa nas férias.

As lembranças positivas foram às amizades desenvolvidas ao longo do tempo de escola, o aprendizado de como os alunos internos se viravam sozinhos, pois os mais pobres (a maioria) tinham que lavar e passar as roupas de uso pessoal. Um momento marcante para o Mario foi à solidariedade dos amigos quando ficou doente e, não podendo se locomover até o restaurante da escola, teve a ajuda dos amigos que se revezaram em lhe levar a comida até o Internato.

O Internato, para ele, foi uma “Escola da Vida”, aprendeu a confiar e ser fiel aos amigos, aprendeu que, por maior que sejam as posses, sempre, em algum

momento da vida, vai precisar da ajuda de alguém. Aprendeu a conviver com as pessoas, pois era muito tímido e no Internato passou a interagir com os colegas.

2) **Neomésio Rubens da Silva**, natural de Armazém/SC, ficou no internato entre os anos de 1967 a 1969. Procurou o internato por ser economicamente a única maneira possível de alguém do interior e sem condições financeiras manter-se estudando na capital. A vida no internato naquela época era difícil e muito trabalhosa, no entanto divertida, alegre e, por vezes, cômica. Apesar de todas as dificuldades, o saldo foi positivo, considerando a liberdade existente e a prática dos bons costumes, todos eram solidários. Namorar ou paquerar as meninas do Instituto Estadual de Educação era na época o melhor troféu a ser conquistado. Acredita que este tempo longe da família, assumindo responsabilidades e ainda muito jovem, sem a supervisão dos pais foi benéfico para sua formação em todos os níveis.

3) **Dairo Cesa**, natural de Siderópolis /SC, permaneceu no Internato entre os anos de 1965 a 1967. Seu pai decidiu que o mesmo deveria estudar na Escola Industrial de Florianópolis, ficou feliz ao saber que contaria com a companhia de vários jovens de seu município e que teria alojamento gratuito.

Lembra de algumas passagens do internato que marcaram sua vida: o uso do rabo quente, para fazer o café, o vendedor do pão fresquinho na cesta, pela manhã, a disputa pelos abacates naquele pé solitário nos fundos da casa, a expectativa de um dia ser promovido para um dos quartos, o programa do João Ari nos domingos pela manhã com as musicas mais pedidas durante a semana e a expectativa de receber cartas pelo correio. Mas um fato por demais marcante foi a sua convocação, para com um grupo de 10 alunos, irem para Vitoria/ES representar a ETEFESC no encontro das Escolas Industriais do Brasil. Sentiu-se orgulhoso em ter sido Professor concursado na ETEFESC, lecionando as disciplinas de Física e Elementos de Máquinas, enquanto cursava engenharia mecânica na Universidade Federal de Santa Catarina.

4) **Nélio Pagani**, natural de Lauro Muller/SC, foi aluno da escola técnica entre os anos de 1961 a 1967 ficando no Internato nos anos de 1966 e 1967 no alojamento da Rua Presidente Coutinho, até o encerramento do curso técnico de máquinas e motores.

Em 1961, na localidade em que morava, município de Santana/SC, a maior perspectiva de formação escolar era até o 4º. ano primário. Somente nos anos 63/64 foi criado o curso ginasial e apenas no município de Urussanga/SC,

distante 12 Km. Assim, a Escola Industrial surgiu como a melhor opção, para quem quisesse dar continuidade aos estudos. Aprovado no exame de admissão, foi com 12 anos, viver a grande aventura de estudar na capital.

A adaptação não foi difícil. O ambiente da Escola era excelente e proporcionava fácil convivência com professores e demais colegas. A parte mais sofrida desse início eram as aulas de educação física com o Prof. Rosas, rigorosíssimo com os novos alunos, a quem chamava de “molengas” e “bananas”. O cordão do apito servia como “incentivo” para os que se atrasavam nos exercícios. Mas todos sobreviveram.

O período vivido na Escola e no internato deixou marcas na personalidade de todos que dele participaram: em primeiro lugar, a forma de encarar com ética, responsabilidade e seriedade todos os compromissos; em segundo lugar, mas não menos importante, o aprendizado de viver em comunidade, respeitando limites individuais, compartilhando alegrias e tristezas, auxiliando e sendo auxiliado pelos colegas. Esses valores lhe acompanharam durante toda a sua vida profissional, apesar de não ter seguido a formação inicial de técnico de máquinas e motores.

Mas, mesmo atuando na vida profissional como bancário, conseguiu colocar em prática algum ensinamento, pessoal ou profissional, absorvido nos tempos de escola.

Sempre que pensa no assunto, sente-se agradecido por ter tido a oportunidade de viver aquela época, de ter conhecido tantas pessoas, professores, colegas e amigos que influenciaram, sempre de forma positiva, sua formação pessoal.

5) Luiz Dário Rocha, natural de Laguna/SC, ficou no Internato entre os anos de 1960 a 1966. Procurou o Internato porque a Escola industrial representava para seus pais a manutenção de um filho num estabelecimento de ensino, gratuito e com internato, oportunizando uma profissão temporária ou definitiva. A vida no Internato não era fácil, mas, apesar de tudo, era gratificante. Floripa representava uma oportunidade de progresso pessoal e intelectual. Morou sete anos no internato, além da irmandade formada com os demais alunos (internos ou não), a Escola era uma referência em nossas vidas, uma experiência de vida das melhores, mesmo sem ter seguido a profissão de Técnico em Máquinas e Motores.

Observa que nessa vida de internos, somente voltava para casa nas férias de julho e dezembro, razão pela qual vivia exatamente como numa grande família, dividindo os mesmos problemas, as mesmas dificuldades.

As lembranças vividas naquele período formam, com riqueza de detalhes, uma história rica e emocionante do ponto de vista, principalmente, das

condições socioeconômicas de cada um dos internos. Os nossos problemas eram os mesmos, famílias do interior do estado, pouco abastadas, mandavam seus filhos para a Capital para aprender uma profissão na Escola Industrial. Quando muito, um ou outro conseguia continuar na Capital e continuar seus estudos na Universidade Federal, sonho da maioria e que alguns nunca realizaram, preferiram tocar suas vidas na profissão.

Recorda que naquele tempo, seguramente, a Escola era uma mãe para os alunos internos, pois, proporcionava, além do conhecimento, abrigo, cama, refeições, assistência médica, material escolar e de educação física, os dois últimos a cada semestre. A assistência geral era de primeiro mundo, diferentemente de hoje.

Um grande momento de sua passagem pela Escola Técnica e que deixou marcas positivas, seguramente, foi a qualidade dos professores daquela época, e um deles – Franklin Joaquim Cascaes, professor de desenho, que aos sábados e/ou domingos sempre estava a disposição de alguns alunos com sua indefectível Kombi Luxo, acompanhado de sua esposa Dona Beta, para passeios ao interior de nossa ilha capital, nos brindando com seus conhecimentos sobre folclore, sua marca até hoje, e que ficou na memória dos catarinenses. Os alunos que sempre o acompanhavam: Osvaldino Hoffmann, Luiz Corrêa, Luiz Dário Rocha, Michel Poschimann e outros com menor frequência.

6) Leodegar da Cunha Tiscoski, natural de Sombriil/SC, ficou no internato entre os anos de 1967 a 1969. Quando concluiu o ginásio em Araranguá, estava se organizando para estudar o segundo grau em Porto Alegre, mas um amigo do seu pai, Sr. Rolf Bub, funcionário do antigo DNP, sugeriu que estudasse em Florianópolis, na Escola Industrial, com a possibilidade de conseguir alojamento, já que as condições financeiras da família eram limitadas. Fez a matrícula no curso técnico em agrimensura e conseguiu o alojamento, onde permaneceu durante os três anos do curso.

Ficou os três anos no mesmo quarto, com 15 a 20 estudantes, organizados em beliches. A maioria permaneceu os três anos do curso, consolidando grandes amizades, que até hoje perduram. Aprendeu a conviver administrando diferenças, dividindo alimento e espaço e consolidando grandes amizades. Com raras exceções, o espírito colaborativo permaneceu nestes três anos. A organização do alojamento era efetuada pelos próprios alunos.

Saído de uma cidade de sete mil habitantes e vindo morar na capital foi grande o contraste. Muitas vezes saía sozinho, caminhando pelas ruas da cidade, geralmente nos finais de semana, para conhecer a cidade. A programação

especial do final de semana era ir a uma sessão de cinema no Cine Ritz ou São José, ou ainda tomar uma cerveja no Miramar. A conclusão do curso e aprovação no vestibular de Engenharia na UFSC foi outro ponto marcante.

Como já tinha estudado em colégio interno (seminário de São Ludgero aos 12 anos de idade), a vida tornou-se mais fácil, já que aprendeu a disciplina e a convivência no coletivo. No alojamento da escola, havia muita liberdade e pouca disciplina. No entanto, como já tinha conhecimento da importância da disciplina, tinha consciência dos limites seguros desta liberdade.

Constatou no período, a discriminação dos alunos dos colégios tradicionais, da elite de Florianópolis, em relação aos alunos da Escola Técnica, que em geral eram pessoas humildes, do interior de Santa Catarina foi marcante. Fato este que gerou muitos conflitos com brigas, envolvendo alunos da escola e frequentadores dos clubes sociais da capital. Estes fatos provocavam união entre os alunos da escola, principalmente os alojados,

7) Ceres Cascaes Duarte, natural de Imbituba, SC, ficou no internato: de 1963 até 1968, procurou o Internado da Escola por ser mais barato e mais prático. Segundo ele a vida no internato, deixando de lado as dificuldades, era excelente, principalmente considerando a convivência com os amigos, o que representou em sua vida considerável contribuição para a formação social e profissional e formatação no caráter pessoal, marcando o início dos primeiros anos de sua vida.

8) Mario Amâncio Henrique, natural de Tubarão/SC, ficou no internato de 1966 a 1968.

Queria sair de Tubarão e fazer um curso técnico, para após poder pagar os estudos de nível superior. Como seus pais não tinham condições de sustentá-lo em Florianópolis, descobriu que a Escola Técnica Federal estava patrocinando a vinda de alunos do interior do Estado com alojamento e comida.

Segundo observado por ele, o internato era um ambiente de irmandade onde todos sabiam das dificuldades de conviver longe da família e da dependência, quase que integral, dos cuidados da Escola no que tangia à alimentação e dormitório. A higiene do ambiente era por conta de cada interno e do grupo, em colaboração mútua pelo respeito ao ambiente. Não era a vida de quartel dos recrutas aos 18 anos, mas, acredita que mais responsável porque cada um respeitava os limites do outro pelo bem comum. A amizade era tal que os internados representavam uma grande família e que, dentro das possibilidades individuais, um ajudava o outro. Logicamente que em

virtude das diferenças individuais e territoriais, algumas nesgas surgiam e eram rapidamente resolvidas pela turma do deixa disso. Minutos depois, tudo estava normalizado e a camaradagem voltava com toda força.

Era interessante porque cada qual possuía a sua história de vida, suas paixões, formas de externá-las e o aconchego dos colegas para que aquele momento não se eternizasse.

Apesar dos pesares, foi o tempo necessário e suficiente que precisávamos para um aprendizado eterno de entender o outro e fazer o possível para que as faltas (às vezes faltava tudo) fossem minimizadas, Hoje, pode afirmar com toda a certeza que o internato foi a melhor escola de vida para o aprendizado social.

Recorda com prazer do time de futebol da Escola Industrial de Florianópolis, o Grêmio Cultural Cid Rocha Amaral, que no futebol não profissional (várzea) foi um dos melhores da Grande Florianópolis à época – 1966 a 1968.

Não esquece a turma de seresteiros, do alojamento de cima - o Pombal: Mario Stahelin, Jaime Guizoni, Neomésio Silva e ele, que era companheiro inseparável das noites e dos finais de semanas, nos arredores da Mauro Ramos e, aos finais de semana, nas Colônias Santana e Colônia São Pedro. Tempo bom!

O internato representou para ele sua segunda casa, sem mãe e sem pai, mas com tantos irmãos compreensíveis e dedicados. Salienta que nunca em tempo algum terá tanta amizade, compreensão e sociabilidade como as que teve no internato e, porque não dizer, na Escola Técnica Federal, naquele tempo.

9) E eu, MOACIR PEDRO CORRÊA como cheguei e vivi no Internato.

Sou natural de Tubarão (SC), fiquei no Internato de 1962 a 1969. Era muito pobre, não teria condições de continuar os estudos na terra natal, pois naquele tempo na rede pública, gratuitamente, só existiam cursos de magistério (Curso regional ou Curso Normal). A oportunidade de aprender uma profissão era motivo suficiente para que me deslocasse para a Capital do Estado, principalmente ao saber da existência de uma escola que oferecia Internato com cama, comida e roupa lavada. Além do mais, obtive informações positivas dos alunos que já frequentavam a escola industrial de Florianópolis e que residiam em Tubarão/SC

Cheguei ao Internato muito criança (12 anos de idade), a saudade da mãe e dos dois irmãos a princípio me deixaram angustiados. Aos poucos fui me acostumando e constituindo uma nova família, com a convivência dos queridos amigos. No período matutino, nos deslocávamos para a escola e lá tínhamos as aulas teóricas e também a prática profissional. No período

vespertino, nos dedicávamos para fazer as tarefas e estudar, isto no curso ginasial, pois no curso técnico as aulas ocorriam simultaneamente nos dois períodos. Por estar o internato situado no mesmo local onde durante anos funcionou a própria escola, todo o espaço vazio constituiu-se em ambiente propício para nossas aventuras. Circulávamos por todo o prédio e muitas vezes encontramos nas salas, alguns objetos (bótons, camisas, etc...) do tempo da Escola de Aprendizes Artífices, que usávamos com orgulho.

Muitos momentos foram e continuam inesquecíveis, constituindo-se como parte da minha vida. Lembro-me da solidariedade e fraternidade existente naquela época entre os alunos do Internato, era comum um socorrer o outro emprestando dinheiro, trocando momentaneamente as roupas (camisas) que desfilávamos para chamar a atenção das meninas. Quem fumava, conseguia os cigarros sem muito esforço, pois quando alguém acendia um cigarro era imediatamente interpelado pelos colegas que pediam: “a chepa... a rechepa..., a bimba ... a rebimba, .. o aranminho e o pela beicho...., e assim um cigarro era fumado pelo menos por 6 (seis). A criatividade aflorava e alguns inventaram o “rabo quente” que era um aquecedor simples composto de uma forqueta de madeira, resistência de ferro elétrico e um pequeno pedaço de fio. Também inventaram o Rádio galena, através do qual conseguíamos sintonizar e ouvir algumas emissoras de Florianópolis. Lembro com saudades de quando participávamos das festas religiosas, as famosas “barraquinhas”, ali era um desfile de camisas, pois um emprestava a camisa do outro e a troca ocorria rapidamente em função do Internato estar situado próximo ao local, ou seja na Praça do Corpo de Bombeiros. Tudo foi marcante e só guardo lembranças positivas daquela época.

Posso dizer que a minha vida foi dividida em duas etapas: uma durante e outra depois do Internato. Durante o período em que estive no internato, aprendi a ser amigo dos amigos, ser solidário, companheiro, criativo. Aprendi a valorizar as pequenas coisas, nunca esquecer as minhas origens, cultivar valores e não desistir nunca dos sonhos.

No ano de 1968, tive que interromper a continuidade dos estudos, porque fui “obrigado” a prestar o serviço militar, mesmo possuindo todos os requisitos para ser dispensado. Uma determinação “superior” priorizou o ingresso dos estudantes da época, nas forças armadas em função do fato ocorrido que culminou com a morte do estudante “Edson”. Decidi então continuar dormindo no Internato, mesmo não estudando na escola, pois para mim era importante a convivência com os colegas, naquele período em que estive no quartel e foi assim que permaneci mais 01 (um) ano, naquele ambiente “familiar”...



Ex-alunos internos na Escola Industrial (década de 60)



Abelardo da Silva

Adalberto Barreto Raimundo

Adalberto Olinger

Adão Maciel

Ademir José Demétrio

Adilson Coelho

Adilson Speck

Ademir Humberto da Silva

Aurélio Santos Pereira

Alcione Gaidzinski

Antonio Adulino Martendal

Ariosvaldo Sanceverino

Antonio Henrique Souza

Antonio José Martins

Antonio Martinho Domingos

Arno Fernando Dauer

Claudio da Silva Rodrigues

Ceres Cascaes Duarte

Celso Padilha

Cirineu Pioner

Claudir Soares Rodrigues

Dairo Cesa

Dauri Santos Rodrigues

Delbi Joel Canarim

Dilnei Cesa

Ditmar Kopack

Domingos Ferreira

Edvaldo Angelo

Edson Cascaes

Elói Scaini

Emilio Savi

Elias Auras

Florindo Donadel

Geraldo Canarim

Geraldo Zabotti

Gercino Schimitt

Gilberto Barbosa

Gilson Damiani

Gilson Tadeu Rodrigues

Haroldo Prates da Silveira

Jair João Duarte

Jaime Ghizoni

Januário Manoel da Silva

Joanes Concer

João Batista Rodrigues

João Batista dos Santos

José dos Santos

José Carlos Domingos

José Tadeu Arante

José Carlos de Souza

José Maciel

Laudioni Dal Pont

Laurindo Oslin Vanroo
Leodegar Tiscoski
Luiz Corrêa
Luiz Dário Rocha
Luiz Lauro Bongioiolo
Luiz Pessoa Guimarães
Luzenir Teixeira da Silva
Mario Amancio Henrique
Marcio Locks Henrique
Mario Cesar Campos
Mario Celso Stabelin
Mario José dos Santos
Mauricio Antonio Conti
Miraci José Vale
Moacir de Souza
Moacir Pedro Corrêa
Moacir José Serpa
Natanael Coelho
Narbal José Filetti
Nabor José Prazeres
Neri dos Santos
Nelson Mendonça
Nelson Meller
Nélio Pagani
Neomésio Rubens da Silva
Nestor Francisco Cardoso Jr.
Newton Fernandes
Nilton Zimmermann
Nicolau Miguel de Souza
Nilton Severo da Costa
Odemir Prazeres
Osmar José Barni

Orlando Guerreiro Filho
Oswaldino Hoffmann
Paulo Becker
Pedro Rogério Bunn
Pedro Paulo Santana
Romário Kurten
Roberto Martins
Sebastião Luiz Salgado
Sebastião Rodrigues
Sérgio Cole
Sérgio Lopes
Sérgio Brasiliano
Sérgio Ivanir Moro
Severiano Rodrigues
Tito Schmitt
Vaner Palma de Oliveira
Vanderlei dos Santos
Valmor Rafael Possenti
Vilson Fernandes
Volnei Rodrigues
Walmir Fernandes
Zélio Trierveiler
Zenon Campos Faisca
Zeno Antonio Pioner



Considerações finais



Este livro foi escrito, objetivando descrever os momentos vividos pelos alunos internos da escola Industrial de Florianópolis, no período compreendido entre os anos de 1962 a 1969.

Inicialmente, buscou-se relatar os fatos da época que motivaram aqueles jovens a se deslocarem de suas cidades do interior do Estado em busca de perspectivas de futuro. Muitos enfrentaram os desafios ansiosos com uma proposta de melhoria para seus familiares, naquele momento bastava cama e comida e a roupa lavada que era oferecido a todos os internos, o que viesse além era lucro. Apesar de algumas dificuldades enfrentadas ao longo daqueles anos, restou demonstrado que a maioria dos internos sobressaiu-se nos vários seguimentos da sociedade em que foram inseridos.

Os testemunhos prestados neste livro deixaram claros que os laços pessoais foram importantes para a legitimação do crescimento e formação da personalidade daqueles jovens humildes. Deixou-se esclarecido quão importante foi a oportunidade proporcionada aos alunos internos, no que se refere a formação educacional e caráter adquirido. Os anos difíceis para a nação brasileira no período ditatorial repercutiram na vida da escola, mas não foram capazes de desestimular ou anular os ideais daquela juventude vencedora.



Agradecimentos



A todos os funcionários do IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina, que direta ou indiretamente contribuíram para a efetiva publicação deste livro.

Aos amigos: André Augusto Manara, Célia Cristina Medeiros, Jefferson Brasil Sodr e e Paulo Bernardi, pelo comprometimento e colaboração na formatação do livro segundo os padrões estabelecidos



Instituto Federal de Santa Catarina
Coordenadoria de Publicações

Rua 14 de julho, 150, Bairro Coqueiros, Florianópolis/SC
CEP 88075-010 | Fone: (48) 3877-9054

publicacoes@ifsc.edu.br